



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO FACULDADE DE
LETRAS**

ANAKIN SKYWALKER: O HERÓI TRÁGICO

LUIS FELIPE SOUZA DE MELLO

RIO DE JANEIRO 2025

LUIS FELIPE SOUZA DE MELLO

ANAKIN SKYWALKER: O HERÓI TRÁGICO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação
Português/Francês.

Orientadora: Luciana dos Santos Salles

RIO DE JANEIRO 2025

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
O ARQUÉTIPO HEROICO.....	7
O MITO E O DEUS.....	12
A TRAGÉDIA SKYWALKER.....	15
ANTIGUIDADE E FUTURISMO.....	20
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

INTRODUÇÃO

Star Wars representou um marco do gênero ficção científica, transformando-se em um fenômeno cultural que ultrapassou os limites do cinema moderno, contribuindo na consolidação dos pilares da cultura pop e dos chamados Blockbuster. A amplitude de seu impacto reside na força simbólica de suas narrativas e personagens que, em maioria, retomam arquétipos mitológicos do imaginário popular.

Devido a disseminação em larga escala da franquia, inúmeras produções surgiram a fim de expandir o universo criado por George Lucas, apresentando novas tramas, fechando lacunas do enredo original e adicionando informações sobre personagens já conhecidos e amados pelo público.

Dentro dessa lógica, Anakin Skywalker, mestre Jedi e futuro Lord Sith, torna-se uma das figuras mais famosas da cultura geek em razão do papel fundamental que exerceu direta e indiretamente nos acontecimentos da obra, sendo apresentado como herói nos dois primeiros filmes da trilogia prequel¹ e consolidando-se como vilão em *A vingança dos Sith*.

Pensando nisso, o presente trabalho visa analisar a trajetória de Anakin Skywalker, interpretando sua transição, de protagonista à antagonista, como uma narrativa trágica, englobando-o, assim, na esfera de um herói de tragédia. Para tal, será utilizado como ponto de partida a jornada do protagonista da trilogia original, Luke Skywalker, por representar a base teórica campbelliana aplicada no desenvolvimento do universo de George Lucas e o contraponto à figura heroica presente em Anakin.

Em seguida, espera-se explorar a natureza do lorde Sith sob o viés da concepção de mito segundo Joseph Campbell e de sua relação com a cultura e sociedade a partir da história em quadrinhos Star Wars: Darth Vader, na qual o encontro entre Vader e a sociedade arcaica do povo da areia (Incursores Tuskens) dá luz ao símbolo sagrado do mito, considerando que o contraste ao antigo protagonista ainda resgata as raízes mitológicas que popularizaram o enredo original.

O critério para a ordenação dos procedimentos que antecedem o coração da análise busca facilitar a identificação do arquétipo trágico adotado para Anakin, que contempla, apoiada na teoria postulada por Aristóteles, na Poética, e nos elementos recorrentes do

¹ uma sequência extradiagética, mas uma história pregressa intradiagética.

trágico, a definição, os objetivos e os elementos que compõem a tragédia e sua aplicabilidade no desenvolvimento do enredo da nova trilogia.

Por fim, há um estabelecimento comparativo entre a queda do herói trágico de George Lucas e o personagem de Sófocles, Édipo, elencando semelhanças narrativas que não apenas reforçam a posição trágica de Anakin, mas também destacam a manutenção de uma estrutura clássica mesmo estando em contextos distintos.

O ARQUÉTIPO HERÓICO

Com o lançamento do primeiro filme em 1977, intitulado *Star Wars: Episódio IV - uma nova esperança*, o público é convidado a acompanhar a jornada de Luke Skywalker, um jovem fazendeiro do planeta Tatooine que, por intermédio do acaso, acaba sendo conduzido à guerra civil entre a Aliança Rebelde e as forças malignas do Império Galático, tornando-se elemento central para a retomada da liberdade da galáxia.

Para além dos efeitos visuais inovadores e elementos fantásticos atraentes, o sucesso imediato da trilogia original reside no processo de construção heroica do protagonista: de um humilde fazendeiro para a esperança do mundo. A trajetória de Luke, apesar de conter características próprias do universo Star Wars, apresenta um núcleo consolidado no desenvolvimento do storytelling heroico. Isso porque George Lucas, ao criar seu enredo, utiliza o conceito de Monomito, proposto por Joseph Campbell, conforme atestado em *O Poder do Mito*, em que o repórter Bill Moyers relata uma de suas entrevistas com o mitólogo na casa do próprio cineasta.

A caminho do trabalho, certa manhã, após a morte de Campbell, parei diante da vitrine de uma locadora de vídeo na vizinhança, que, através de um monitor, mostrava cenas do filme de George Lucas, Star Wars. Detive-me ali, lembrando a ocasião em que Campbell e eu tínhamos visto o filme, juntos, no Rancho Skywalker, de Lucas, na Califórnia. Lucas e Campbell se tornaram bons amigos, depois que o cineasta, reconhecendo sua dívida para com o trabalho de Campbell, convidou o pesquisador para assistir à trilogia Star Wars. Campbell se regozijou com os antigos temas e motivos da mitologia a se desdobrarem na ampla tela, em poderosas imagens contemporâneas. (CAMPBELL; MOYERS, 1988, p. 10).

A passagem reflete a relação do enredo da trilogia de Lucas com as teorias abordadas pelo mitólogo em seu livro mais célebre *O Herói de Mil Faces*.

No texto mais famoso de Campbell é destacado que os mitos heroicos apresentam um arquétipo universal, isto é, um padrão de etapas narrativas que independem da origem cultural ou religiosa em que o mito esteja inserido, pois se repetem de maneira semelhante. Segundo ele, o herói é aquele que morre como homem moderno após ter vencido suas limitações pessoais e locais, renascendo como um ser aperfeiçoado e com o objetivo de retornar ao mundo para ensinar a lição de vida que aprendeu, e para que isso seja possível, ele deve embarcar em uma jornada marcada por uma progressão de etapas, a qual é chamada de Monomito.

O “marco zero” da jornada heroica é o Mundo Comum. Ele representa a etapa inicial da trajetória do herói, seu microuniverso, familiar e cotidiano. Dentro do contexto da trilogia original de George Lucas, o Mundo Comum de Luke é justamente Tatooine, o planeta desértico onde foi criado por seus tios trabalhando como fazendeiro de umidade.

Toda familiaridade começa a ruir quando o jovem Skywalker, ao limpar um robô, aciona acidentalmente uma mensagem de resgate da princesa Leia Organa destinada a alguém chamado Obi-Wan Kenobi, compelindo-o a uma missão repleta de desafios e descobertas, momento caracterizado por Campbell como o Chamado à Aventura: uma força externa que induz o herói a sair de seu microuniverso rumo ao desconhecido.

Após ser salvo por um eremita que vivia nas proximidades e quem o protagonista descobre ser o verdadeiro Obi-Wan, o jovem Skywalker recebe revelações do passado, ouvindo histórias sobre os cavaleiros Jedi, uma ordem de guerreiros defensores da paz, da justiça e da República, mas que foram destruídos durante a ascensão do Império Galáctico e do temível Darth Vader, o assassino do pai de Luke. Obi-Wan pede para que Skywalker se junte a ele na missão de resgate, enquanto lhe ensina o caminho dos Jedi, o que o jovem nega por não desejar abandonar seus tios e suas responsabilidades na fazenda.

Aqui, dois elementos entram em vigor: o primeiro deles é o ato da recusa, fase descrita por Campbell como A Recusa do Chamado, isto é, um momento de hesitação ou recusa do herói em iniciar a aventura; o segundo, mas não menos importante, é a presença de Obi-Wan na jornada heroica, pois ele representa, na pluralidade de mitos heróicos existentes no mundo, a figura comumente associada à do ancião, o sábio que oferece os amuletos necessários contra as forças inimigas, como um sabre de luz e o caminho dos Jedi, a qual é nomeada O Auxílio Sobrenatural.

O ponto decisivo de rompimento do herói com seu microuniverso é chamado de A passagem pelo primeiro limiar. Esse é o caminho sem volta, a decisão definitiva do herói em atender ao chamado e cruzar a fronteira entre o conhecido e o desconhecido. Em Star Wars, ela é marcada pelo assassinato dos tios do protagonista, deixando-o sem escolha a não ser prosseguir com a aventura.

Encerrando o primeiro ciclo da jornada, Campbell nomeia a última fase da partida de O ventre da baleia. De acordo com o autor, a passagem pelo limiar “constitui uma forma de auto-aniquilação”. Esse é o momento em que o indivíduo que atravessa o limiar é engolido completamente pelo desconhecido e precisa renascer para conquistá-lo, deixando sua natureza comum para se tornar um herói.

No episódio IV da trilogia, a alegoria do ventre é vivenciada quando a nave do protagonista é forçadamente puxada para a principal instalação militar do Império, a estação espacial Estrela da Morte. A entrada no que pode-se dizer o “covil do inimigo” alude a ideia de ser engolido, tornando do interior da arma imperial a representação do ventre da baleia.

A partir desse ponto, Luke enfrenta uma série de desafios que potencializam um amadurecimento tanto de suas habilidades quanto da própria psique, atravessando mais uma etapa do Monomito, intitulado O Caminho de Provas. O resgate da princesa Leia e o uso dos ensinamentos de Obi-Wan para destruir a Estrela da Morte apenas evidenciam a cadeia de eventos que separam o fazendeiro de Tatooine do herói dos Rebeldes.

Outro ponto de destaque nos mitos heroicos é a ambivalência simbólica exercida pela figura feminina. Por um lado, a mulher personifica a plenitude que permite ao herói transcender o ego em prol de um significado maior. Por outro, ela é a tentação que pode desviá-lo de sua jornada. Campbell nomeia o primeiro significado de O encontro com a Deusa e, na trilogia original, esse papel é desempenhado pela Princesa Leia, pois é ela quem desperta em Luke o ímpeto altruísta de lutar pela liberdade da galáxia ao combater a tirania do Império. Quanto ao segundo significado, A mulher Como Tentação, aparece de forma abstrata na obra de George Lucas por meio da tentativa de Darth Vader e de seu mestre, o imperador Palpatine, de atrair Luke para o lado sombrio da Força².

A oposição entre luz e sombras é um dos elementos mais recorrentes e importantes de toda saga Star Wars, majoritariamente associada à dualidade entre o código Jedi e o código Sith. O código Jedi remete a ideia de pureza, de renegar as vontades que são inerentes ao homem porque elas são ou induzem os jedis ao pecado, como exemplificado no livro *Star Wars: The Roleplaying Game*.

Não há emoção, há paz.
Não há ignorância, há conhecimento.
Não há paixão, há serenidade.
Não há caos, há harmonia.
Não há morte, há a Força. (WEST END GAMES, 1987, p. 69)

O mantra torna explícito o valor da benevolência e da harmonia espiritual para os Jedi e o quanto ele expressa não apenas o sucesso do herói de Campbell em negar as tentações do mundo, mas também molda a personalidade do protagonista de Lucas, diferentemente do código sith, mostrado pela primeira vez em *Star Wars: Livro dos Sith*.

Paz é uma mentira, só existe paixão.
Através da paixão, ganho força.

² A força é um campo de energia mística criado e conectado por todas as coisas vivas do universo Star Wars e que concede habilidades àqueles sensíveis a ela, tais como manipulação mental, previsão do futuro e telecinese.

Através da força, ganho poder.
Através do poder, ganho a vitória.
Através da vitória, minhas correntes se rompem.
A Força me libertará. (WALLACE, 2014, p. 27)

No que tange os antagonistas dos Jedi, é perceptível o quanto sua filosofia endossa a entrega total do indivíduo às tentações do mundo através da valorização do desejo e do poder acima de tudo. O embate entre bem e mal constrói os pilares da narrativa espacial como um todo, especialmente para a construção dos três primeiros filmes, haja vista que, tendo o herói repellido a tentação do mundo, seu novo desafio consiste em enfrentar o símbolo máximo de poder e autoridade sobre sua vida.

Não aleatoriamente essa etapa é chamada de Sintonia com o Pai, pois, como a base teórica de Campbell é calcada nos estudos da psicanálise, a figura paterna retoma a ideia do obstáculo a ser compreendido ou superado pelo filho para que se atinja a maturidade. George Lucas cria essa dinâmica por intermédio da relação entre Vader e Luke.

Ao descobrir que Vader é seu pai, Luke é forçado a confrontar o aspecto sombrio e terrível de sua própria linhagem: aceitar que a figura mais maligna da galáxia é, de fato, a figura paterna que ele idealizou. Todo o processo que leva a essa aceitação demonstra um dos momentos de maior aprofundamento psicológico do personagem e ponto elementar para a compreensão do lorde Sith.

Com esses operadores em jogo, Luke percebe que sua missão se estende para além da liberdade da galáxia e conclui que irá redimir Vader. A fé na bondade do pai revela, então, A Apoteose: momento em que o herói atinge um estado de plenitude e iluminação. Isso ocorre pouco antes do clímax do último filme da trilogia, *O Retorno de Jedi*, quando o herói se recusa a matar o pai e profere a icônica frase ao Imperador “eu sou um Jedi, como meu pai antes de mim”. A fala demonstra o estado de sabedoria plena do personagem, a maturidade adquirida com todas as provas e que transcende a dualidade entre bem e mal.

O conhecimento conquistado o leva a obter a premiação final, o fim da busca do herói. Ao ver o filho sofrer os ataques do Imperador, Vader mata o próprio mestre, se sacrificando para salvá-lo. A redenção do vilão e a derrota do Império retratam o que Campbell entende por A Conquista do Elixir ou Bênção Suprema, ou seja, a conquista do poder que transcende o humano, e objetivo final do herói.

Entrando no fim da trajetória, o herói, agora munido de toda sabedoria, entra na fase do Retorno, devendo voltar ao mundo comum com o que obteve do reino extraordinário. Embora a fase final constitua seis etapas, elas não são tão aparentes no último filme, com exceção das duas últimas: o Senhor dos Dois Mundos, estágio em que o herói alcança o

equilíbrio entre o mundo espiritual e o comum, vivendo em harmonia entre ambos; e Liberdade para Viver, a fase em que o herói se liberta completamente de seus temores, assim, finalizando sua jornada.

Ambos os momentos são perceptíveis durante a comemoração da derrota do Império, quando Luke, com olhar sereno, observa os espectros de Anakin, Obi-Wan e Yoda, provando que havia se tornado um mestre Jedi e cumprido a missão que recebera.

O MITO E O DEUS

Mesmo com o carisma do protagonista e a excelente recepção da narrativa, o personagem mais associado ao universo de Lucas não é o fazendeiro de Tatooine, e sim Darth Vader. Com sua armadura negra e aspecto sombrio, o lorde Sith representa uma das figuras mais conhecidas da cultura geek, mesmo diante daqueles que nunca assistiram a trilogia original. Sua popularidade, oriunda do caráter misterioso e imponente que emana de seu ser, permitiu a disseminação não apenas de diversas produções que visam expandir o universo Star Wars como um todo, mas principalmente aprofundar seu personagem mais célebre.

A chave para a compreensão da nova etapa é considerar que as futuras produções mantiveram o núcleo mitológico que Lucas criou a partir do aprendizado com Campbell, buscando desenvolver aspectos ainda inexplorados da teoria base. Uma das obras que elucida esse olhar é a história em quadrinhos *Star Wars: Darth Vader*, publicada originalmente pela Marvel Comics e escrita por Kieron Gillen e desenhada por Salvador Larroca e Leinil Francis Yu. A HQ retrata a jornada forçada de Vader até seu planeta natal, Tatooine, como punição por sua parcela de culpa na destruição da Estrela da Morte, envolvendo-o em situações que visam cumprir os desejos do imperador.

A HQ faz parte do universo expandido³ Star Wars, explorando os desdobramentos dos eventos do primeiro filme da trilogia original, e o processo de mitificação de Darth Vader ocorre a partir da interação entre ele e os Tusken, a espécie nativa de Tatooine responsável pela morte de sua mãe.

Enquanto cumpria as missões ordenadas pelo imperador, Vader aproveita o tempo que tem para massacrar um assentamento Tusken. Um sobrevivente presencia a cena e foge do local, encontrando posteriormente outro assentamento e relatando o que tinha visto. Ao ouvir o ocorrido, uma espécie de xamã do grupo projeta a ideia mítica de Darth Vader e ordena que o sobrevivente seja queimado vivo ao pé de uma estátua construída para o Lorde Sith enquanto os demais a veneram.

Por mais estranho que pareça, a cadeia de eventos mostrada dialoga com o conceito que Joseph Campbell traça sobre o significado do mito. De acordo com ele, os mitos são

³ conjunto de obras produzidas nas mais variadas mídias ligadas a um enredo central, podendo ser antecessoras, sequenciais ou paralelas a esse enredo e cujo objetivo é aprofundar um universo ficcional e os personagens que o compõem.

produtos da psique conscientemente controlados que, manifestados nas atividades da mente e do corpo, recebem uma expressão simbólica dos desejos, temores e tensões dos indivíduos.

Campbell alerta para a natureza consciente e controlada dos mitos porque, em sua perspectiva, tanto mitos quanto sonhos simbolizam a mesma dinâmica da psique. Porém, enquanto os sonhos são mitos personalizados, por serem atravessados pelos problemas pessoais do sonhador, os mitos são sonhos despersonalizados, apresentando problemas e soluções universalmente válidos e apenas mudando de forma de acordo com a cultura em que estão inseridos.

O autor ainda destaca que os mitos possuem quatro funções basilares: a função mítica, que conscientiza o indivíduo no mistério subjacente a todas as formas do universo; A função cosmológica, que mostra a maneira como mistério opera no universo; A função sociológica, de suporte e validação de determinada ordem social; E a função pedagógica, que auxilia o indivíduo a viver dentro do universo.

Logo, o indivíduo é entendido como um ser fragmentado, constantemente limitado ao longo da vida, seja como criança ou adulto. Ele não pode ser tudo. Ele precisa desempenhar um papel dentro da sociedade, e os mitos operam para auxiliar no desenvolvimento dos estágios da vida, tal qual a transição entre a infância e a fase adulta, em que o indivíduo deve desempenhar uma função dentro do espaço que ocupa, como um órgão que garante o funcionamento do organismo vivo que é a sociedade.

No universo expandido Star Wars, produções destinadas a apresentar informações extras sobre as milhares de espécies da galáxia corroboram a afirmação de que há semelhanças entre a sociedade Tusken e a descrita por Campbell. A obra *The Complete Star Wars Encyclopedia Volume III* apresenta alguns indicativos de que os Incursores Tuskens possuem padrões sociais sólidos que incluem crenças, rituais de passagem e divisões de posição social que são determinantes para a construção da identidade de seus indivíduos e do grupo como um todo.

Tendo em mente essas semelhanças e a noção de mito e suas funções, a mitificação de Darth Vader passa a se tornar mais evidente. Quando o Xamã do grupo relata a aparição do lorde Sith, ele não a descreve da mesma maneira que o sobrevivente contou. Ele relata a aparição de uma figura humanoide, de vestes negras, que puniu o acampamento com uma espada de fogo conjurada.

A criação do mito nada mais é do que o processo de transição da função cosmológica para a sociológica. A aparição de Vader representa um evento anômalo capaz de abalar a ordem social, mas ao transformá-lo em um mito e venerá-lo, o Xamã cria um mecanismo

cosmológico para lidar com a catástrofe, dando um sentido para o evento aleatório através da divinização, garantindo a ordem social. Logo, todos os símbolos desconhecidos pelo assentamento são substituídos por elementos mais familiares. A armadura do vilão é trocada por uma roupagem, o sabre de luz se torna uma arma mágica; o massacre passa a integrar a cultura daquele povo.

A TRAGÉDIA SKYWALKER

Ainda mais curioso do que a análise da relação entre a vítima e o algoz é compreender o ato da punição que circunda a história em quadrinhos, não somente a que Vader exerce nos Tusken, mas sobretudo a que ele mesmo sofre de seu mestre. No panteão de mitos criado por George Lucas, reduzir o grande lorde Sith apenas à figura do carrasco é empobrecer seu potencial mitológico. Antes de ser aquele que pune, Vader é, mais do que qualquer outra coisa, aquele que é punido.

A punição, no entanto, não surge do acaso, mas a partir dos pequenos fragmentos da vida de Anakin, os quais foram mostrados repetidamente durante os três filmes da trilogia original e que se serviram como peça fundamental na construção do personagem ao longo do desenvolvimento do universo Star Wars, principalmente na trilogia prequel, focada na origem de Anakin Skywalker.

A sina de uma narrativa pregressa é ter de manter a coerência dos eventos sem criar furos no roteiro. Se antes o público acompanhou o herói triunfante, agora será apresentado alguém cujo destino não é desconhecido. Mas isso não significa, necessariamente, observá-lo sob a ótica de um herói que futuramente se torna um vilão. Pelo contrário, na verdade. O objetivo central deste trabalho é justamente encarar a jornada de Anakin, do início ao fim, pela perspectiva de outro arquétipo mitológico: o de um herói trágico.

Com polos tão definidos entre bem e mal, não seria incomum recorrer à ideia clássica do antagonista maligno por natureza. Contudo, a noção da maldade que provém da corrupção interior somada ao reconhecimento da bondade que ainda habitava no coração de Darth Vader permitiram o desenvolvimento de um personagem com nuances o suficiente para desqualificá-lo como um mero vilão.

Em termos narrativos, a jornada de Anakin representa a subversão do herói campbelliano, evidenciando o percurso daquele que, embora destinado à grandeza, fracassa ao longo da trajetória, transformando o “chamado à aventura” no palco da própria queda. Se o modelo de Campbell pressupõe a superação das provas, Anakin rompe esse paradigma ao sucumbir a elas.

Enquanto Luke é a representação fiel da benevolência e da harmonia espiritual dos Jedi, Anakin é o exato contraste, sendo movido profundamente por emoções humanas que o alinham mais à filosofia Sith. Essa personalidade marcante, fruto de uma vida sofrida desde a

infância, fundamentam a criação de um mito extradiagético, ou seja, um mito criado fora do universo ficcional, para o espectador. E é dentro dessa perspectiva que se encontra a aproximação entre a Jornada de Anakin e a concepção aristotélica da tragédia. Na Poética, Aristóteles defende que:

É, pois, a tragédia é a imitação de uma ação elevada, completa e de certa grandeza, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que é feita] por pessoas que agem e não por narração, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação (catarse) dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2005, p. 55).

A ênfase no “terror e piedade” sugere que o valor estético da tragédia reside na capacidade de despertar emoções extremas no público a fim de suscitar a reflexão sobre a condição humana. Dessa forma, para que o objetivo seja cumprido, são necessários dois elementos de suma importância: o espectador, pois o efeito trágico não existe de maneira isolada, ele depende da recepção; e um herói com o qual possa se identificar.

A conexão entre herói e espectador é um dos elementos centrais da teoria trágica, e por essa razão ele deve ser alguém dotado tanto de qualidades elevadas quanto suscetível ao erro, porque somente assim é possível reconhecer aspirações e fraquezas inerentes aos humanos. Em termos gerais, o herói trágico é o nobre que, sem merecer o destino que o aguarda, sofre as consequências de suas ações por um erro de julgamento, fazendo com que o público se compadeça pela injustiça que o assola e tema o mesmo destino.

O motivo pelo qual Anakin em nenhum momento deixa de ser um herói é justamente pelo fato de espelhar esses sentimentos. Por mais que sua origem seja envolta de elevação extrema, por ter nascido de uma mãe virgem e ser profetizado como o salvador, tal qual Jesus Cristo, ele é tão profundamente imerso em emoções conflitantes que a nobreza perde espaço para sua humanidade, tornando-o vulnerável a erros que podem levar qualquer homem a queda. Mas apenas dizer que um herói é trágico pelo fim que leva não é suficiente para validá-lo como tal. Na tradição trágica grega, há uma disposição de componentes, estruturais e psicológicos, que conduzem a narrativa até o clímax trágico.

Um dos elementos comuns ao trágico é a *hybris*, conceito central da cultura grega referente ao impulso transgressor que conduz o herói a romper os limites impostos. Seja por orgulho, ambição, cólera ou confiança em excesso, esse elemento normalmente precede a queda heroica.

O interessante da trilogia prequel é contemplar que Anakin não é guiado por um único impulso, mas por um conjunto de emoções intensas destoantes do papel atribuído a ele.

Criado como escravo, ele já possuía ciência da crueldade do mundo e o forte desejo de conquistar a liberdade de todos, incluindo de sua mãe, a qual ele amava.

Essa percepção apenas aumentou o receio dos Jedi em treiná-lo, haja vista que a Ordem preferencialmente recrutava crianças que estavam no primeiro período da infância, pois a ausência de apego emocional profundo, tal qual laços familiares ou paixões juvenis, as tornavam mais fáceis de moldar de acordo com os princípios Jedi sem que houvesse desvios do caminho da luz, como o medo da perda.

O medo, segundo Yoda, um dos maiores mestres da Ordem, é um imenso perigo para um Jedi, pois, segundo ele “O medo leva à raiva, a raiva leva ao ódio, o ódio leva ao sofrimento”. A icônica frase proferida à Anakin ao final do primeiro filme da trilogia, *Star Wars: Episódio I – A Ameaça Fantasma*, não só resume a política de supressão das emoções dos Jedi, mas também marca o prenúncio de sua queda.

A cautela dos cavaleiros Jedi, somada à profecia de ser “o escolhido” que traria o equilíbrio à Força apenas potencializou os conflitos internos de Anakin. À medida que o treinamento avançava, o jovem Skywalker se tornava mais arrogante e disposto a desafiar os dogmas que aprendia, interpretando que a desconfiança por ele provinha da inveja da grandeza de seu poder, o que provocou um distanciamento entre o Jedi e a Ordem.

Tal tensão atinge um estado crítico quando, no segundo filme, *Star Wars: Episódio II – Guerra dos Clones*, Anakin passa a sonhar com o sofrimento da própria mãe, Shmi Skywalker. Dominado pelo medo da perda, ele embarca tardiamente em uma tentativa desesperada de resgate, apenas para encontrá-la semimorta após ter sido torturada pelos Tusken, morrendo posteriormente em seus braços.

A morte de Shmi é um momento psicológico fundamental na construção do drama, pois é através dela que o protagonista acelera sua jornada trágica ao deixar o medo se transformar em raiva e exterminar os Tusken, exclamando futuramente: “Eu os matei. Matei todos eles. E não apenas os homens, mas as mulheres e as crianças também. Eles são como animais, e eu os matei como animais. Eu os odeio!”. A fala do protagonista tanto revela a cólera capaz de não ter piedade nem pelos indefesos quanto a falência ética do personagem.

Devido a esse trauma, Anakin passou a criar uma profunda ambição de poder, acreditando que deveria e poderia se tornar tão poderoso ao ponto de impedir a morte. Essa compreensão difusa das leis naturais do universo (vida e morte) aumentou exponencialmente o temor por seus entes queridos, transferindo a dor da perda da mãe para o medo de que o mesmo acontecesse com Padmé. Consequentemente, isso o levou a outra etapa comum às tragédias: a *hamartia*.

Termo grego popularizado por Aristóteles, a *hamartia* nada mais é do que o erro de julgamento que desencadeará os eventos que levarão à ruína do herói. No terceiro e último filme da nova trilogia, *Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith*, esse erro manifesta-se quando Anakin, atormentado pelos pesadelos com a morte de Padmé, é seduzido pela promessa de um poder capaz de enganar a morte ao ouvir o chanceler Palpatine sugerir que somente o lado sombrio da Força poderia fazer isso, como observado no seguinte diálogo entre os dois:

PALPATINE: Você já ouviu falar da tragédia de Darth Plagueis “O sábio”?

ANAKIN: Não.

PALPATINE: Presumi que não. Não é uma história que os Jedi contariam. É uma lenda Sith. Darth Plagueis foi um Lorde Sombrio dos Sith, tão poderoso e tão sábio que ele poderia usar a força para influenciar os midi-chlorians para criar vida... Ele tinha tanto conhecimento do Lado Sombrio que poderia até mesmo manter aqueles a quem amava a salvo da morte.

ANAKIN: Ele realmente podia salvar as pessoas da morte?

PALPATINE: O Lado Sombrio é um caminho para muitas habilidades que alguns consideram não naturais.

ANAKIN: O que aconteceu com ele?

PALPATINE: Ele se tornou tão poderoso que a única coisa que ele temia era perder o seu poder, o que eventualmente, é claro, aconteceu. Infelizmente, ele ensinou ao seu aprendiz tudo o que sabia, então seu aprendiz o matou em seu sono. Plagueis não pôde prever isso antes de acontecer. É irônico... Ele podia salvar os outros da morte, mas não a si mesmo.

ANAKIN: É possível aprender este poder?

PALPATINE: Não com um Jedi. (STAR WARS: EPISÓDIO III - A VINGANÇA DOS SITH, 2005).

A breve conversa revela o momento em que o desejo nobre de proteger os entes queridos se transforma na crença de que “os fins justificam os meios”, pois, acreditando que seria capaz de fazer o mesmo, Anakin é induzido a se entregar ao lado sombrio, cometendo o terrível erro de executar uma série de assassinatos em nome do Imperador, incluindo o das crianças do templo Jedi. Esses atos hediondos o colocam diante de mais um elemento da tragédia: a *peripeteia*, isto é, a ação que sela o destino trágico do herói.

Durante sua busca por poder, Anakin desencadeou uma série de eventos que culminaram em desastre. Os relatos sobre suas atrocidades ainda geravam dúvidas em Padmé. Porém, sua crença de que o homem que amava não seria capaz de tais coisas foi aplacada pela dura verdade de estar diante de alguém consumido pelo ódio, quase sendo morta por ele em um acesso de fúria logo a seguir, resultando em um duelo mortal nos mares de lava do planeta Mustafar contra seu antigo mestre, Obi-Wan Kenobi. A triste realidade destrói Padmé emocionalmente, que, incapaz de lidar com a dor, morre de tristeza logo após dar à luz.

Após perder a luta e ser brutalmente ferido, Anakin é socorrido pelo Imperador. O que restou de seu corpo foi fundido a uma armadura com suporte de vida, e o primeiro vislumbre de sua nova condição representa o último estágio trágico, a *anagnórisis*, a percepção que o herói tem de que foram seus atos que provocaram seu fim trágico.

DARTH VADER: Onde está Padmé? Ela está segura? Ela está bem?

PALPATINE: Parece que, em sua raiva, você a matou

DARTH VADER: Eu? Não podia ter feito isso. Ela estava viva! Eu podia sentir!

(STAR WARS: EPISÓDIO III - A VINGANÇA DOS SITH, 2005).

À primeira vista, parece que a informação trazida pelo imperador foi apenas uma mentira contada para manipular Vader, entretanto, há de se considerar que, de certa forma, não deixa de ser a verdade. Mesmo que Anakin não tenha matado Padmé com as próprias mãos, seus atos indiretamente causaram sua morte. Com um urro carregado de dor e desespero, Anakin destrói a sala de cirurgia com o poder da Força, atingindo a catarse que encerra o último ato do filme.

ANTIGUIDADE E FUTURISMO

A experiência de Anakin, mesmo envolta de elementos futuristas, ainda ressoa uma base clássica como fonte de inspiração narrativa. Quando se pensa em tragédia grega, é comum que o imaginário coletivo se debruce primariamente sobre o personagem de Sófocles, Édipo. A jornada do rei de Tebas é um dos mitos mais populares do mundo, nomeando não só um dos conceitos centrais da psicanálise (o Complexo de Édipo), mas também se consolidando como um exemplo prototípico trágico destacado inclusive na *Poética*.

Ao retomar a discussão sobre os elementos trágicos na figura de Anakin, então, acaba se tornando inevitável discutir a obra de Sófocles, pois a aproximação entre as duas narrativas sugere a existência de correspondências significativas entre o herói criado por George Lucas e Édipo.

Como a tragédia demanda um herói virtuoso, a peça clássica oferece ao público o salvador e rei de Tebas, Édipo, como observável no seguinte diálogo em que o sacerdote suplica para que Édipo salve novamente Tebas:

Tu, que és o mais sábio dos homens, reanima esta infeliz cidade, e confirma tua glória! Esta nação, grata pelo serviço que já lhe prestaste, considera-te seu salvador; que teu reinado não nos faça pensar que só fomos salvos por ti, para recair no infortúnio, novamente! Salva de novo a cidade; restitui-nos a tranquilidade, ó Édipo! Se o concurso dos deuses te valeu, outrora, para nos redimir do perigo, mostra, pela segunda vez, que és o mesmo! Visto que desejas continuar no trono, bem melhor será que reines sobre homens, do que numa terra deserta. De que vale uma cidade, de que serve um navio, se no seu interior não existe uma só criatura humana? (SÓFOCLES, [s.d.], p. 2).

Em paralelo, na obra de George Lucas, o protagonista dos anos 2000 é Anakin Skywalker, o escolhido que trará equilíbrio à força e salvará a galáxia do poder do lado sombrio. Essa menção é apresentada no primeiro filme da trilogia prequel, *Star Wars: Ameaça fantasma*, no momento em que o mestre Jedi Qui-Gon Jinn pede, pouco antes de morrer, para que Obi-Wan treine o jovem Skywalker, pois seu papel é este: “Obi-Wan, prometa que vai treinar o menino. Ele é o escolhido, e equilibrará a força. Treine-o!”.

A partir dos excertos acima, pode-se afirmar que ambos os personagens ocupam uma posição social e/ou moral que denota uma superioridade diante dos demais, e, portanto, são considerados em suas obras como heróis e entendidos como salvadores. Entendendo sua elevação ao nível heróico, as similaridades entre os personagens se estreitam ainda mais.

O destino é outro ponto de contato crucial nas narrativas, funcionando como a engrenagem que move os dois personagens, uma vez que é através da sua descoberta que se marca a queda tanto de Anakin quanto de Édipo. Na versão clássica, a elucidação do destino ocorre por meio do oráculo, quando Édipo recebe a revelação de que o se tornará o assassino do pai e se casará com a mãe, como aparece em:

mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente fortuito, que me devia surpreender, realmente, mas que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me, dizendo que eu era um filho enjeitado. Possuído de justa indignação, contive-me naquele momento, mas no dia imediato procurei meus pais e interroguei-os a respeito. Eles irritaram-se contra o autor da ofensa, o que muito me agradou, pois o fato me havia profundamente impressionado. À revelia de minha mãe, e de meu pai, fui ao templo de Delfos; mas, às perguntas que propus, Apolo nada respondeu, limitando-se a anunciar-me uma série de desgraças, horríveis e dolorosas; que eu estava fadado a unir-me em casamento com minha própria mãe, que apresentaria aos homens uma prole malsinada, e que seria o assassino de meu pai, daquele a quem devia a vida. (SÓFOCLES, [s.d.], p. 39).

A tentativa de alterar os horrores do futuro faz com que Édipo, sem saber que é adotado, fuja do encontro com os pais adotivos, fazendo-o percorrer um caminho alternativo que resultará na morte do pai biológico, Laio, e no matrimônio com Jocasta, sua mãe biológica.

De maneira semelhante, *em Star Wars: A vingança dos Sith*, os vislumbres do destino são manifestados ao herói através dos pesadelos com a morte de Padmé:

MESTRE YODA - Essas visões que teve você...
ANAKIN- São de dor, sofrimento, morte.
MESTRE YODA - De você falando está, ou de outra pessoa?
ANAKIN - Outra pessoa.
MESTRE YODA - A você próxima?
ANAKIN - Sim.
MESTRE YODA- Cuidadoso deve ser quando o futuro sentir, Anakin.
O medo da perda é um caminho para o lado sombrio.
ANAKIN - Não vou deixar essas visões virarem realidade, mestre.
MESTRE YODA- Uma parte natural da vida a morte é. Por aqueles ao seu redor que na força se transformam, alegre-se! lamentar, jamais! Sentir falta, jamais! O apego leva à inveja. A sombra da cobiça ele é.
ANAKIN - O que devo fazer, mestre Yoda?
MESTRE YODA - Treinar você deve para se libertar de tudo que teme perder.
(STAR WARS: EPISÓDIO III - A VINGANÇA DOS SITH, 2005).

Isso inicia a cadeia de eventos que seduz o protagonista para o lado sombrio da Força na tentativa de salvá-la, mas que infelizmente provoca o efeito contrário em virtude do trauma sofrido pela descoberta da crueldade cometida por Anakin.

Dessa forma, a partir das considerações quanto aos destinos de Anakin e Édipo, nota-se uma particularidade presente nos dois: a profecia que faz com que o herói haja de

maneira imprudente e tome uma decisão errônea na tentativa de intervir nas vontades do destino, culminando exatamente no fim previsto.

Consequentemente, ambos os personagens caem em desgraça, sendo punidos por seus atos. Para Édipo, a cegueira e o exílio representam a vergonha dos próprios atos, como é demonstrado nos trechos a seguir: “Foi Apolo! Sim, foi Apoio, meus amigos, o autor de meus atroz sofrimentos! Mas ninguém mais me arrancou os olhos; fui eu mesmo! Desgraçado de mim! Para que ver, se já não poderia ver mais nada que fosse agradável a meus olhos?”; “Quanto a mim, não queiras que a cidade de meu pai me tenha como habitante, enquanto eu vivo for; ao contrário, deixa-me ir para as montanhas, para o Citéron, minha triste pátria, que meus genitores escolheram para meu tûmulo,- para que eu morra por lá, como eles queriam que eu morresse.”

Para Anakin, os ferimentos de sua batalha com seu antigo mestre que o forçaram a viver dentro da armadura desconfortavelmente conhecida demonstram todo o dano físico e psicológico que acompanhará o personagem pelo resto da existência, como descrito no trecho da novelização de *A vingança dos Sith*:

Assim é como se sente Anakin Skywalker, para sempre: O primeiro amanhecer de luz em seu universo traz a dor. A luz o queima. Sempre o queimará. Parte de você sempre repousará sobre areia de vidro negro ao lado de um lago de fogo enquanto as chamas mastigam a sua carne. Você pode ouvir a sua própria respiração. Ela vem com dificuldade e é adversa, e ela raspa nervos já brutos, mas você não pode pará-la. Você nunca pode pará-la. Você nem mesmo tem mais pulmões. Mecanismos conectados em seu peito respiram por você. Eles bombearão oxigênio para a sua corrente sanguínea para sempre. [...] E você não consegue, não da maneira que costumava fazer. Sensores na concha que aprisionam sua cabeça transmitem significado diretamente para seu cérebro. Você abre os seus olhos pálidos e chamuscados; sensores ópticos integram a luz e sombra em um simulacro horrendo do mundo ao seu redor. Ou talvez o simulacro esteja perfeito, e é o mundo que é horrendo. [...] você tenta dizer, mas outra voz fala por você, vinda do vocalizador que serve para os seus lábios, língua e garganta queimados. (STOVER, 2017, p. 407)

Portanto, conclui-se que a construção dos personagens se fundamenta em um mesmo sentido. Um herói tido como salvador entrelaçado pelas amarras da sina a qual tenta se desvincular, mas cuja busca pela mudança resulta em sua queda, carregando assim as marcas de sua desgraça.

CONCLUSÃO

A análise da trajetória de Anakin demonstra que Star Wars, longe de se limitar ao campo do entretenimento, apresenta um terreno fértil para o estudo de estruturas narrativas clássicas por intermédio de manifestações míticas contemporâneas. Ao examinar inicialmente a jornada de Luke Skywalker sob a ótica do monomito campbelliano, observa-se a presença de elementos estruturais que compõe o herói tradicional ao passo em que o caminho trilhado por Anakin revela a ruptura com o modelo.

Entretanto, a compreensão campbelliana permite reconhecer que a falha na jornada ainda obtém valor simbólico. Na HQ de 2015, a aparição de Vader para os Tusken reforça a percepção de que um mito existe à medida em que sua estrutura projeta inquietações aplicáveis universalmente aos indivíduos.

Nesse sentido, mais do que a ascensão de Anakin ao status de mito advir de dentro do universo ficcional, por personagens, ela se projeta para fora, diretamente para o público, que vivencia os temores de sua jornada e se compadece pelo resultado, atingindo a purificação clássica da tragédia. Assim, Darth Vader carece de elementos que configuram um simples vilão, mas dispõe de todos os necessários para se aproximar de heróis trágicos tradicionais, como Édipo.

Ao aproximar Anakin de Édipo, se torna evidente a força atemporal do trágico e como a jornada apresentada em Star Wars constitui uma reinvenção atualizada da tragédia grega, abarcando tanto a tradição quanto novos contextos culturais ao mesclar futurismo e antiguidade. Isso reafirma a potência simbólica da saga e demonstra que, mesmo em um universo futurista ainda há um zelo pela permanência de questões humanas recorrentes desde a literatura clássica

Nesse sentido, ao observar a narrativa da saga Skywalker (filho e pai), nota-se um interessante jogo cronológico na apresentação dos mitos. Na ordem de produção dos filmes, a saga dos Skywalkers começa a partir do herói descrito por Campbell, surgindo somente depois o herói clássico, mas, ao considerar a cronologia do universo ficcional, há um realinhamento histórico-temporal, em que o herói clássico surge primeiro, com Anakin, e finaliza com seu filho, o herói segundo Campbell.

Portanto, a estrutura de herói e vilão apresentada na saga Skywalker traz uma nova interpretação de como o jornada do herói observada por Campbell pode encontrar completude

de seu ciclo natural, mesmo que com diferentes personagens, porém mantendo ainda alguma relação entre as partes. Nessa proposta aqui vista, nota-se que o ciclo começa com uma personagem e termina com a sua prole concluindo os passos onde a primeira falhou. Lucas faz com que a lógica de repetir os passos dos antepassados seja quebrada, mas nesse caso para corrigir o desvio causado pela queda trágica de um herói pregresso que, ao invés de se exilar, caiu nas trevas e agiu por meio da ira e vingança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo. Cultrix/Pensamento, 1997.
- GILLEN, Kieron; LARROCA, Salvador. Star Wars: Darth Vader. São Paulo: Panini, 2015.
- WALLACE, Daniel. Star Wars: Livro dos Sith. Trad. Raquel Novaes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- WEST END GAMES. Star Wars: The Roleplaying Game. Nova Iorque: West End Games, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- SANSWEET, Stephen; HIDALGO, Pablo. The Complete Star Wars Encyclopedia.
- ARISTÓTELES. Poética. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os Pensadores).
- STAR WARS: Episódio IV – Uma Nova Esperança. Direção: George Lucas. Produção de Gary Kurtz. Estados Unidos: Lucasfilm, 1977. 1 registro audiovisual.
- STAR WARS: Episódio V – O Império Contra-Ataca. Direção: Irvin Kershner. Produção de George Lucas e Gary Kurtz. Estados Unidos: Lucasfilm, 1980. 1 registro audiovisual.
- STAR WARS: Episódio VI – O Retorno de Jedi. Direção: Richard Marquand. Produção de Howard Kazanjian. Estados Unidos: Lucasfilm, 1983. 1 registro audiovisual.
- STAR WARS: Episódio I – A Ameaça Fantasma. Direção: George Lucas. Produção de George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm, 1999. 1 registro audiovisual.
- STAR WARS: Episódio II – Ataque dos Clones. Direção: George Lucas. Produção de Rick McCallum. Estados Unidos: Lucasfilm, 2002. 1 registro audiovisual.
- STAR WARS: Episódio III – A Vingança dos Sith. Direção: George Lucas. Produção de Rick McCallum. Estados Unidos: Lucasfilm, 2005. 1 registro audiovisual.
- SÓFOCLES. Édipo Rei. [S.l.: s.n., s.d.]. 74 p. 1 arquivo PDF.
- STOVER, Matthew. Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith. Tradução de [Monique D'Orazio]. [São Paulo]: [Aleph], [2017].